

Ao mesmo tempo: oração cada vez mais exacta e aperfeiçoamento literário.

3. Aos 85 anos, o doutor Vila-Matas desce do seu cavalo ainda em movimento, senta-se e escreve um livro em 2 mm².

A primeira letra localiza-se no topo esquerdo dos 2 mm² e o ponto final do livro fica exactamente na extremidade direita da base inferior dos 2 mm².

No meio destes dois limites: o livro.

Aquilo que parece um risco mínimo de 2 mm² na folha, com olhos atentos e aperfeiçoados verifica-se ser o novo livro de quem quer desaparecer.

4. Há no doutor Vila-Matas uma atração pela Patagónia, onde existe “uma pessoa por quilómetro quadrado e reina o silêncio”, e por esses países em que não se publicam livros.

Mas felizmente o doutor Vila-Matas é um médico generoso e inventor reputado. No meio da descoberta de novas doenças, a Angústia do Pasavento (APS), o Mal de Montano (MM), entre outras, consegue manter a infinita delicadeza walsleriana de procurar nunca incomodar os outros mesmo que os outros sejam portadores de uma guilhotina e o seu pescoço seja o alvo. Provocar danos na lâmina, nada envergonharia mais o pescoço do homem discreto e delicado que quer desaparecer.

Mas o mais importante é o inverso: ainda não foi inventada (e jamais o será) a lâmina capaz de encontrar o sítio onde a literatura de Vila-Matas colocou o pescoço.

Gonçalo M. Tavares

ENRIQUE VILA-MATAS (Barcelona, 1948) estreou na ficção em 1973 e desde então teve 28 livros publicados em mais de vinte países. Em 2001, quando *A viagem vertical* ganhou o prémio Rómulo Gallegos, foi alçado ao primeiro time dos escritores contemporâneos. Premiado não só na Espanha, mas também na França, Vila-Matas é considerado hoje um autor *cult*, um escritor de escritores. Desde 2004, a Cosac Naify vem publicando seus principais livros, *A viagem vertical* (2004), *Bartleby e companhia* (2004), *O mal de Montano* (2005), *Paris não tem fim* (2007) e *Suicídios exemplares* (2009). Depois de *Doutor Pasavento*, ganhador dos prémios da Real Academia Española (2006) e Mondello – Città de Palermo (2009), a editora prepara o lançamento do seu mais recente título, *Dublínca*.

“E eu, com quem me pareço? Certamente tenho algo de equilibrista que, numa alameda do fim do mundo, está caminhando pela beira do abismo. E acho que me movo como um explorador que avança no vazio. Não sei, trabalho em meio a trevas e tudo é misterioso. Só sei que me fascina escrever sobre o mistério de que exista o mistério da existência do mundo, porque adoro a aventura que há em todo texto que se põe em marcha, porque adoro o abismo, o próprio mistério, e adoro, sobretudo, essa *linha de sombra* que, ao ser atravessada, nos coloca no território do desconhecido, um espaço em que de repente tudo nos parece muito estranho, sobretudo quando vemos que, como se estivéssemos no estágio infantil da linguagem, temos que voltar a aprender tudo, com a diferença de que, quando crianças, parecia que podíamos estudar e entender qualquer coisa, enquanto que, na idade da linha de sombra, vemos que o bosque de nossas dúvidas nunca se tornará claro e que, além disso, o que vamos encontrar a partir de então serão apenas sombras e trevas e muitas perguntas.”

Tradução José Geraldo Couto

PRÊMIO DA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2006
PRÊMIO MONDELLO – CITTÀ DI PALERMO, 2009



COSACNAIFY

Doutor Pasavento

Enrique Vila-Matas

Doutor
Pasavento
Enrique
Vila-Matas

CONTRIBUTOS DO DOUTOR PARA A MEDICINA

1. Ser grande é saber ceder o seu lugar a outro, escreveu Handke, citado por Vila-Matas. Desaparecer, cedendo o lugar a outro – eis a grandeza deste doutor Vila-Matas que cede o seu lugar ao colega Pasavento que, por seu turno, o cederá a outro.

Trata-se aqui de uma série de desaparecimentos sucessivos, idêntica a uma série matemática em que uma lógica implacável conduz um número grande a números cada vez menores. Até se atingir o infinitamente pequeno.

Mas como chegar ao zero através de infinitas reduções?

O problema é, pois, este: o infinitamente pequeno dividido ao meio continua a não ser zero. Desaparecer, de facto, não é fácil.

Doutor Pasavento (2005) ilustra, em literatura, o dilema sem saída de Zenão. É a história de um homem que deseja desaparecer. Um escritor que foi convidado a participar de um encontro literário em Sevilha e, no meio do percurso, decide sumir.

2. Kafka queria continuar a existir, mas sem ser incomodado. O doutor Pasavento também.

A escrita desaparece primeiro através de um método de alturas, tamanhos. A letra vai ficando cada vez menor. Se não fores capaz de parar de escrever, pelo menos que os teus textos ocupem menos espaço no mundo. Eis a microescrita. Quem escreve muitas letras numa minúscula folha, escreve muito ou pouco? Esta é uma questão, apesar de tudo, significativa.

Trata-se de produzir uma escrita liliputiana.

Podemos até imaginar a mão de um gigante, a mão enorme de um gigante que não pára de se mexer sobre a mesa, empunhando o mais antigo utensílio de escrita. A mão enorme que escreve letras minúsculas. Eis o génio da redução, dirás.

Michael Issacson, professor de engenharia, escreveu, com um feixe electrónico, num cristal de cloreto de sódio, palavras com dois nanómetros de largura. Juan de Gurtabay escreveu o *Pai-Nosso* em castelhano (57 palavras) em 53 mm². Em 1930.

No fundo, eis como o escritor desaparece (uma metodologia possível): em 1930 escreve o *Pai-Nosso* em 53 mm², em 1931 em 52 mm², em 1932 em 51 mm², e assim sucessivamente. Aperfeiçoar, simultaneamente, a escrita e o desaparecimento.

